



## O SOLITÁRIO DO ALTO DA BONANÇA

O nosso Rodolfo Teófilo, baiano de nascimento e cearense de coração, soube ser um amigo constante do nosso poeta. Em carta datada de 24 de abril de 1923 e endereçada ao historiógrafo baiano Afonso Costa ele desabafava: *"Nasci baiano por um acidente; mas de coração sou todo cearense, como nenhum será mais do que eu"*.

Um dos fundadores da Sociedade Libertadora Cearense em dezembro de 1880, sócio do Clube Literário e colaborador de A Quinzena, companheiro de aventura de Antônio Sales na Padaria Espiritual e seu padeiro-mor com o velado nome de Marcos Serrano.

Não era de sorriso fácil. Nem amava as galas da popularidade. Antes um secarrão. E que ninguém se guiasse apenas pela fisionomia, carrancuda, mas sim pelo caráter íntegro, pelo coração sempre aberto e pelas mãos generosas.

Morava em Pajuçara, por aquela época bem distante do centro de Fortaleza, numa vivenda localizada sobre um pequeno cômodo a que ele batizara de Alto da Bonança: *"a casa fica numa pequena elevação, tendo aos pés um açude e dominando uma baixada verdejante de capoeirão grosso, onde há ainda uns restos de mata, de que se destacam as umbelas das maniçobas e as ventarolas das carnaúbas"*, descreve-nos Antônio Sales ao visitá-lo, sabendo-o doente e admirado ao ver seu velho amigo trabalhando na rotulagem e encaixotamento de produtos farmacêuticos, com os empregados, embora com seus setenta e tantos anos sobre os costados. Ainda precisava lutar, velho e alquebrado, para poder sobreviver.

Para que recordar a sua batalha contra a escravidão, contra as secas, contra a varíola de 1900,<sup>1</sup> contra seus inimigos por ele crismados de zoilos, contra o alcoolismo?

Para que lembrar o menino pobre e órfão que foi, o caixeirinho que se fez homem, sua vida de provações e privações no Recife e em Salvador, as dificuldades que se obrigou a vencer para se tornar farmacêutico?<sup>2</sup>

Para que insistir na sua prodigiosa imaginação pois mesmo sem nunca ter palmilhado a Amazônia, criou o romance O Paroara, cujas cenas se desenrolam naquela região, baseando-se apenas em informações e dados colhidos entre os próprios paroaras?

Para que realçar o seu valor como ficcionista, tanto que mereceu os elogios de Fialho de Almeida por sua novela *Violação* e os do escritor francês André Baunier pelo seu *O Paroara*, no *Fígaro de Paris*?

Para que reabrir velhas cicatrizes, sua revolta contra os desmandos políticos, vítima que fora da artimanha da oligarquia aciolina, transferido para a cadeira de Lógica do Liceu Cearense e nela se recusando a tomar posse por não se considerar preparado e sumariamente demitido do cargo de lente vitalício da cadeira de Ciências Naturais daquele educandário, embora já contasse ali com vinte anos de bons serviços?

Antônio Sales, sempre que podia, visitava o amigo ou passava alguns dias na casa dele. Certa vez de lá mandava notícias suas ao amigo Dr. Medeiros em longa carta em versos da qual pinçamos estes:

*“Da Tebaida do Rodolfo  
que neste mar de verdura  
é como um pequeno golfo  
calmo e de amarra segura,*

*venho escrever-te estas linhas  
para, apesar da preguiça,  
de minha pena remissa,  
mandar-te notícias minhas.*

*O mato é de um verde tal  
que deve ser escolhido  
para dele ser tingido  
o pavilhão nacional.*

*Qual outro Rondon, me abraça  
a sede das descobertas,  
e exploro selvas desertas  
longe. . . há cem metros de casa.”*

E essa admiração pelo *“homem alto, magro, de rosto fino, que a barba tornava mais longo e que vivia enrolado em uma sobrecasaca negra, abotoada de cima a baixo, fantasiado assim de guarda-chuva e que, para evitar equívocos, trazia outro guarda-chuva na mão”*, no dizer irônico de Humberto de Campos, se materializaria no soneto que lhe foi oferecido pelo autor de *Versos Diversos*, um belíssimo presente de aniversário pelos setenta e um anos de idade bem vividos e sofridos:

*“A vida é fumo, e, pois, no teu natal  
eu te mando charutos. . . Fuma e pensa,  
dentro da nuvem perfumosa e densa  
a te envolver a fronte patriarcal.*

*Evoca a estrada percorrida. . . Qual  
dentre nós foi capaz dessa obra imensa  
de pensamento, de bondade e crença  
que há muito o nome teu fez imortal?*

*Mais um floco de neve sobre a fronte  
hoje te cai; mas dentro dela a fonte  
do talento não cessa de correr.*

*O sol do bem claríssimo a ilumina,  
e quem te vê te inveja a bela sina  
e acha que vale a pena assim viver."*

Foi Antônio Sales o seu fiel amigo, o companheiro dedicado desde os tempos da segunda fase da Padaria Espiritual, isso em 1894; foram trinta e oito anos de amizade fraternal, de respeito e de admiração.

Já no final da vida, sem a companheira amiga e aliada,<sup>3</sup> sem filhos,<sup>4</sup> privado da locomoção, mas ainda com perfeita lucidez mental, tomava conhecimento do dia a dia através da visita de amigos e do hábito da leitura.

E no sábado de 2 de julho de 1932, às quinze horas e quarenta e cinco minutos, em sua residência no Boulevar Visconde de Cauípe n. 563, o maior historiador das secas do Ceará entrava para a imortalidade e Antônio Sales, junto ao esquife, chorava convulsivamente a perda do companheiro de tantas jornadas: *"Perdi em Rodolfo Teófilo o meu mais velho e maior amigo, e com o seu desaparecimento sinto o coração mutilado numa idade em que já não se conta com o tempo para realizar seus processos de restauração moral. Há em minha alma mais um nicho vazio, que nenhum outro vulto poderá ocupar. Apenas tenho que orná-lo com as coroas da minha saudade e perfumá-lo com o incenso de minha veneração".* (5)

Assim desaparecia um Homem. Nunca pediu para si próprio nem favores, nem regalias, nem posições. E aos seus invejosos críticos, aos seus detratores, só exigia uma coisa: *"Deixem-me em meu retiro chorar a dolorosa viuvez do meu espírito!"*

## NÓTULAS

1 "Escanchado em um burro, e levando como bagagem científica apenas a caixa de soro e alguns remédios complementares, atirou-se para os municípios mais próximos, solicitando, de choça em choça, de fazenda em fazenda, de povoado em povoado, permissão para vacinar as pessoas que ali moravam". Humberto de Campos

2 Farmacêutico em dezembro de 1875. Quando do cinquentenário de sua formatura, em 1925, Antônio Sales dedicou-lhe a crônica Um Jubileu.

- 3 Casaram-se a 24 de maio de 1879. Há um belo artigo de Antônio Sales, Natal no céu, quando do falecimento de Raimundinha.
- 4 Deixou um filho adotivo, o farmacêutico Raul Teófilo, casado com Leonor. Também um sobrinho e afilhado, o médico Antônio Justa a quem custeou os estudos de medicina na Bahia e, mais tarde, o recambiou de Santarém para clinicar, em definitivo, nesta capital. Uma sua irmã, Flora, faleceria a 21 de julho de 1932, aos setenta e seis anos de idade.
- 5 Crônicas publicadas em torno da figura de Rodolfo Teófilo:
  - a) Um Patriarca (Antônio Sales) Jul, 1911
  - b) Rodolfo Teófilo (Antônio Sales) A República de Natal, 13 ago 1927
  - c) Luto Cearense (Leonardo Mota)
  - d) Rodolfo Teófilo (Padre Assis Memória)
  - e) Rodolfo Teófilo (Isaac Amaral)
  - f) Rodolfo Teófilo (Humberto de Campos)
  - g) Rodolfo Teófilo (Padre Francisco Rosa)
  - h) Rodolfo Teófilo (Diário de Pernambuco)
  - i) A Homenagem do Amigo (Antônio Sales) Correio do Ceará, 9 jul 1932
  - j) Oferenda (Antônio Sales) 2º aniversário de falecimento.

tan  
ria  
do  
  
apa  
cob